

A Saga de

Mitrax

A Ordem do Dragão Dourado

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo

Prólogo

Sendo ignorante e imatura, a mente do homem primitivo criou no mundo monstros terríveis. E, de todas as feras geradas dessa forma, as kiches são as mais terríveis. Possuindo um poder de visão, com os seus múltiplos olhos, além da humana, facilmente pressentem quando crianças estão sozinhas. Então, aparecem diante delas e analisam as suas almas. Dependendo do que vêem, vão embora pacificamente ou então as devoram. E, se algum humano adulto ou qualquer outra criatura lhes interpõe o caminho, também têm um destino funesto, pois as kiches são as feras mais poderosas que já existiram. Mas, conta-se, numa época, há muitos anos atrás, uma aldeia estava sendo dizimada, pois se estabelecera nas imediações um ninho de kiches. A população já estava sem esperança e muitos tentavam migrar para longe, contudo, a maioria perecia no caminho pelo ataque desses monstros. Mas, um dia, surgiu uma criatura, um inimigo natural das kiches, um dragão da espécie amarela, com o corpo coberto por longos espinhos. De onde veio ninguém sabe. Por que veio também era desconhecido. Então o dragão eliminou sistematicamente todas as kiches machos, através das imensas labaredas que emanavam de sua boca. E, finalmente, travou-se a batalha final entre o dragão dourado e a kiche fêmea, na qual ambos pereceram.



Seus pés afundavam-se na lama, enquanto corria,

quase sem esperanças, com o bebê no colo. Seu coração estava saindo pela boca. Ela sabia que a criatura logo a alcançaria. A cabana de madeira não estava longe, mas sabia que logo sentiria a teia grudar nas suas costas. Então, seria violentamente puxada para trás e seria o fim.

Dúzias de pessoas corriam a sua volta. Uns iam, outros vinham, desesperados. E muitos eram os monstros que atacavam em todas as direções. Ela vira, atônita, vários conhecidos e parentes serem fisgados, puxados e tendo os corpos dilacerados pelas presas das kiches em ínfimos segundos.

Seus gritos e choros deviam ser dilacerantes, mas já nada mais ouvia. O medo havia dado cabo dos seus ouvidos, do contrário ouviria também os silfos dos aracnídeos. E não sabia como e porque corria. Suas pernas avançavam sozinhas, sem que quisesse correr. Aliás, não adiantaria... ninguém consegue fugir das kiches.

Mas alcançou a porta. Entrou. Virou-se e, ao fechá-la, ainda pôde ver um homem que mal conhecia ser fisgado e desaparecer numa explosão de sangue nas mandíbulas de uma kiche macho de três metros de altura.

Fechou a porta e a trancou. Agora ouvia o bebê chorando. Seu filhinho.

Apertou-o o mais que pôde contra o peito e, tremendo, caminhou para trás, passo a passo, até suas costas se comprimirem doloridamente contra a parede oposta à porta.

Mas não demorou muito até que a porta fosse violentamente arrancada. Então, uma perna entrou no recinto, negra e peluda. Depois outra, e outra. A jovem mamãe agora tremia incontrolavelmente, enquanto o bebê berrava.

A kiche era quase do tamanho da cabana e aquela porta era uma porta comum. Mas não importava. As kiches, embora grandes, passam por qualquer orifício. Então, logo ela vislumbrou a cabeça. Quase nem mais vivia, o medo a matava. Seu coração, embora acelerado, estava quase parado, quando ela se viu refletida naqueles múltiplos globos oculares.

E, então, longe de ser logo arrebatada, longe do sofrimento ter logo um fim, veio a tortura e a agonia. Pois a criatura parou ali, com suas maiores presas, tais quais dois chifres de marfim negro, a meio metro de distância, e a fitou profundamente. Sentiu como se os olhos da criatura a gelassem por dentro, sugassem a sua alma e a revirassem, analisando-a por todos os ângulos. Sentiu o seu passado, a constituição do seu ser e até o seu futuro ser minuciosamente vasculhado pela criatura. Sabia que essa era a visão da morte e do horror e que nada além disso havia.

E, então, o impensável: a criatura recuou, deu meia-volta e desapareceu.

#####

22 EGRR.

Ele caminhava rapidamente, afundando os pés na lama, devido à pesada armadura. Tirou o elmo, expondo as barbas ralas. Aproximava-se dos corpos das três kiches abatidas. Eram da espécie com listras lilases. Uma fora varada por várias lanças, outra tinha flechas espetadas nos sete globos oculares e a terceira estava calcinada. Então ele passou ao lado da maga e, sem parar, ordenou:

-Meissa, cuida dos feridos.

A maga, lindíssima, nada disse e pareceu desagradada. Mas Alionor nem reparou na sua reação: passou ao lado de outro cavaleiro e disse:

-Cavalo Manco, reconhece a identidade de quem morreu e providencia um funeral junto às famílias.

-Sim, comandante – disse o cavaleiro.

-Vista Grande – ordenou a outro, - queima os corpos dos monstros!

-Só se for agora, senhor! – respondeu o velho cavaleiro.

Em seguida, passou por um rapaz franzino que anotava vorazmente algo num pequeno caderno com folhas de couro, usando uma pena, e não o poupou:

-Horácio, vai ajudar Meissa!

-Mas, senhor, estou anotando!

Mas o comandante nem o ouviu, continuando a avançar.

Então, observou que o fornido Livro Rasgado saía de uma cabana, carregando o corpo de uma mulher. Viu quando ele depositou-a no chão, num lugar seco, e viu também que, sobre ela, havia um bebê.

-Está em estado de choque, senhor – disse Livro Rasgado.

Então o nobre rei se ajoelhou diante da moça e indagou:

-O bebê está bem?

O bebê começou a chorar e a espernear.

-Parece que sim – comentou Livro Rasgado, - deve estar com fome!

-Cuida dela, e vê se descobre quem são os seus parentes.

-Sim, senhor.

Alionor se levantou e olhou a sua volta. Vista Grande, com uma tocha, colocava fogo nas kiches abatidas, mas havia dezenas de pedaços de corpos humanos espalhados por centenas de metros.

Então, aproximou-se outro cavaleiro. Era Tronco Deitado:

-Trinta e sete mortos, senhor!

Atormentado, o rei olhou em outra direção. Mas sua atenção foi desviada por um assobio vindo de uma frondosa árvore. Olhou naquela direção e viu Irvine, a elfa, em pé, segurando o seu arco, em um dos galhos mais altos:

-Não há mais kiches, comandante! – gritou ela.

O rei mirou novamente o chão. Depois, repentinamente, passou a caminhar rapidamente, dirigindo-se para trás da cabana, fora da vista dos outros. Quando lá chegou, passou a chutar troncos e pedras, esbravejando:

-Droga, droga, droga!

Então, sacou a espada e passou a estocar troncos de árvores e cortar galhos, para extravasar a sua dor:

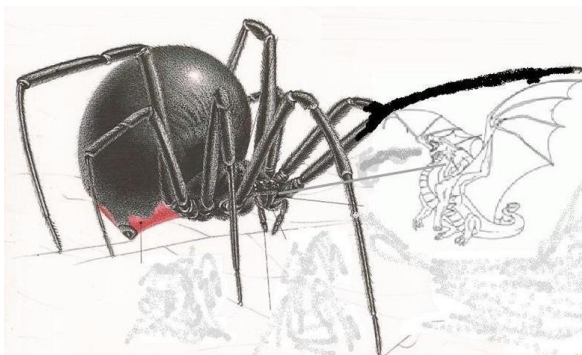
-Droga, droga, droga!

Mas alguém o observava. Irvine sentou-se sobre o telhado da cabana, mirando-o fixamente, sorrindo sutilmente, com olhos apaixonados.

#####

Ao final da tarde, montaram acampamento nas proximidades da aldeia que estava sendo construída. Joelho Esfolado fincou firmemente, no chão, a haste do estandarte da ordem, que representava um escudo contendo um desenho rústico, em preto e branco, representando a imagem de uma kiche fêmea lutando contra um dragão. O dragão erguia o

pescoço e exalava um jato de fogo contra a kiche. Essa, por sua vez, havia soltado uma teia, que grudara no pescoço do dragão.



Logo após tirar a sua armadura, o rei caminhou a passos largos em direção à tenda de Meissa. Entrou sem cerimônia e sem avisar. Encontrou-a em pé, como a o esperar.

Ele a encarou com ira nos olhos e gritou:

-Mais uma vez não usaste armadura!

-Já disse que não preciso disso – retalhou ela, friamente.

-Se não colocares armadura, não poderás continuar conosco! – insistiu o rei.

-E o que farás se não concordar? – indagou ela, com ar desafiador.

Então a ira de Alionor esvaneceu-se. Olhou bem para ela e a sua beleza mais uma vez o arrebatou. Mas ele era o Grande Rei de Brenor e, assim, completou:

-Estás dispensada. Podes voltar a Lumerae.

E deu-lhe as costas. Mas Meissa disse, com voz poderosa:

-Não mandas em mim, Alionor. O limite do poder de um rei termina aos pés do Monte. Sabes que existe um poder maior, não sabes? – e, ao dizer isso, ergueu o cajado do chão.

Alionor se virou e a viu segurando o objeto mágico escuro de forma irregular, lembrando uma serpente embalsamada. E, abalroado pelo sangue aquecido, o rei cedeu aos impulsos. Aproximou-se rapidamente dela, enlaçou a sua cintura, e beijou-a profundamente na boca.

Meissa não resistiu. E, quando o rei desgrudou os seus lábios dos dela e saiu, ela ficou pensativa, olhando para o nada com um ar misterioso.

Alionor caminhou apressadamente, seguindo para um local longe da fogueira que estava sendo acesa nesse momento por Pássaro Negro. Sentou-se numa pedra e ficou pensativo, com o peito arfante. Mas não ficou só por muito tempo pois, logo, sentiu alguém

aparecendo às suas costas, fazendo um barulho como tivesse caído do céu. Mas o rei sabia quem era. Virou-se e viu Irvine diante de si.

A elfa o olhava com um sorriso nos lábios. Segurava alguma coisa. Estendeu-a na direção do rei e disse:

-Toma. Fiz para ti!

Alionor apanhou o objeto. Estava enrolado num papel. Desembrulhou-o e se viu segurando a casca de um coco maduro, com algo dentro. Parecia um doce e havia uma colher de pau mergulhada dentro.

-É doce de pêssego! – declarou a bela elfa, parecendo feliz.

-Obrigado – disse o rei.

-Prova! – disse ela, animada, sentando-se ao lado dele.

O rei provou e achou delicioso.

-Nossa! Isso é bom!

-É adoçado com mel! – explicou ela, sorrindo e olhando o rei de cima a baixo.

Então, o Grande Rei de Espadas mirou-a longamente e, com uma voz baixa, mas sincera, disse:

-Sabes, Irvine... desde que te juntaste a nós... isto é, toda vez que estás ao meu lado... sinto... uma espécie de paz no coração.

Agora ela não mais sorria. Ao invés, sentia vontade de chorar. Mas não se sabe como aquela conversa terminaria espontaneamente, pois logo apareceu Livro Rasgado, dizendo:

-Comandante, um rapaz chegou dizendo que quer se ordenar.

Alionor franziu as sobrancelhas e comentou:

-Outro?

-Sim, senhor – respondeu Livro Rasgado.

Então o rei devolveu o doce a Irvine, dizendo:

-Toma. Guarda o resto pra mim?

Ela lhe sorriu novamente, apanhando o objeto. O rei se levantou e se dirigiu ao rapaz.

Este estava sentado perto da fogueira, tremendo dos pés à cabeça. Não porque tivesse frio, mas porque estava diante do Grande Rei de Brenor.

-Olá, filho – disse Alionor. – Então queres ser um dragão dourado?

-Si-sim, se-senhor!

Vista Grande, que estava enrolado num cobertor, sentado ali perto, tentou ajudar o rapaz:

-Ele disse que toda a sua família foi morta pelas kiches, comandante.

-É – completou Tronco Deitado, colocando um pé sobre o toco de uma árvore cortada, – e parece que nada mais lhe resta nesse mundo!

Alionor olhou bem para o garoto. Era magro, mas parecia suficientemente forte. Mas, vendo que não parava de tremer, ajoelhou-se diante dele e disse:

-Aqui costumamos ficar relaxados!

E tirou os sapatos do rapaz. Ele ficou de boca aberta por um tempo interminável. Estava diante do maior rei de todos os tempos – ele pensava – e ele havia se ajoelhado e tirado os seus sapatos!

-Sabes dos perigos que temos que enfrentar, não sabes? – indagou o rei, antes de se levantar novamente.

-Si-sim, senhor! – disse o rapaz, logo após conseguir fechar a boca novamente.

Nesse instante, Meissa saiu de sua tenda e veio se sentar próximo aos outros, nas imediações da fogueira. Como era costume, eles se reuniam todos os inícios de noite para comer e conversar. Janta Fria, auxiliado por Horácio e Irvine, já juntava os ingredientes para fazer a sopa.

-Então – declarou Alionor, - como é tradição desta Ordem, deves esquecer o teu nome e adotar um outro.

Depois que disse isso, virou-se aos companheiros e indagou:

-E então? Como vamos chamá-lo?

O primeiro que deu opinião, como sempre, foi o mais experiente. Vista Grande arriscou, cofiando a barba:

-Bem, ele se parece um rato!

E, de fato, o rapaz tinha uns dentes pronunciados na frente da boca.

-É! Um rato assustado! – completou, rindo, Tronco Deitado.

-Talvez uma doninha, tu queres dizer! – sugeriu Joelho Esfolado.

E Pássaro Negro, como tivesse a maga do seu lado, acabou dizendo:

-E tu Meissa? Que nome sugeres ao garoto?

A maga olhou para o rapaz de uma forma que ele sentiu a sua espinha se congelar. Então, com uma voz fria e mórbida, respondeu:

-Natimorto!

Fez-se um silêncio profundo. O rapaz nem mais respirava. Alionor olhou para a maga com ar de preocupação. Depois de alguns segundos, Livro Rasgado rompeu o silêncio:

-Não tem graça, Meissa!

-É! – concordou Tronco Deitado. – Não tem graça nenhuma!

Vista Grande manteve um olhar de rancor contra a maga, que sustentou durante algum tempo. E o Grande Rei, para quebrar a tensão, declarou:

-Pois eu acho que somente uma pessoa de grande coragem viria aqui, diante do rei, pedir para ingressar nessa arriscada jornada. Então, sugiro que ele seja chamado de Rato Valente!

Vista Grande, segurando o cobertor com a mão esquerda e elevando o braço direito, levantou-se e gritou:

-Viva Rato Valente, nosso novo companheiro!

Os demais também comemoraram, repetindo:

-Rato Valente! Rato Valente!

Exceto, é claro, Meissa, que ficou no seu lugar, ainda fitando o rapaz misteriosamente. Mas Rato Valente não percebeu aquilo, pois estava deslumbrado e sorridente, feliz por ter sido aceito.

Em seguida, Alionor tratou de apresentar os companheiros que estavam nas proximidades:

-Rato Valente, permita-me apresentar-te este, que é o meu braço direito, Livro Rasgado!

E bateu nas costas do companheiro. Depois completou:

-Dei-lhe esse nome porque o encontrei fazendo uma fogueira com uns livros!

-É. Mas a minha família estava com frio e toda a lenha em volta estava úmida! – tentou explicar o robusto cavaleiro. – E depois... não sei ler. Mas estou aprendendo!

Em seguida, o rei se aproximou do mais idoso dos dragões dourados, dizendo:

-E esse é o meu fiel companheiro, desde a época da guerra contra as salamandras, o mais sábio da Ordem, Vista Grande!

-Sejas bem vindo, rapaz! – disse ele.

Depois se aproximou de um homem esbelto, de barba negra bem aparada:

-Este é Joelho Esfolado, o mais ligeiro de nós! Isto é, depois das “meninas”, é claro!

Todos caíram na gargalhada.

-Essa é boa! – desabafou Livro Rasgado.

-E este é Tronco Deitado, o mais forte de nós... isto é, tão forte quanto Livro Rasgado! Este aqui se gaba de que é capaz de erguer uma vaca com apenas um braço, mas nunca nos mostrou isso! E é campeão de cusparada também!

-Boa noite, Rato Valente! – disse o homem forte, com uma voz grossa.

-E aquele lá, perto de Meissa é Pássaro Negro, nosso mestre de armas. Ele será o teu instrutor, não é Pássaro Negro?

-Ensinarei tudo o que sei! – disse o polido cavaleiro, inclinando a cabeça.

-E lá, perto da fogueira, estão Janta Fria, nosso cozinheiro, Horácio, o biógrafo que Sirius me arrumou, e Irvine, a senhora do arco e flecha! Os demais vinte e tantos conhecerás com o tempo!

Então, Janta Fria serviu a sopa e passaram a comer. Meissa se afastou e se sentou num tronco distante. Após comerem, veio a hora das histórias. Alionor, cansado, já havia se recolhido à tenda. Nessa noite, tudo começou assim:

Rato Valente, observando Meissa comendo sozinha, à distância, indagou:

-É verdade o que dizem dela?

-O que, garoto? – indagou Livro Rasgado.

-O cajado dela... é uma serpente torrada, mesmo?

-Dizem que é! – respondeu Tronco Deitado. – E Sirius tem um outro igualzinho! E, dizem, quando eles se juntam, enroscando uma serpente na outra, forma o Caduceu Lumeraeano, o objeto mais poderoso que existe!

-E é verdade que ela já matou mais homens que qualquer um outro? – indagou novamente Rato Valente.

Então, instintivamente, todos olharam para Vista Grande, como se esperassem que ele dissesse alguma coisa. E, de fato, ele disse:

-São velhas histórias da Guerra, Rato Valente. De fato nenhum outro, homem, elfo ou mago, matou a tantos. Deixa-me contar uma história. Uma vez, na Batalha de Ismar, quando um grande contingente de homens das tribos do norte, que apoiavam as salamandras, encontrou com as forças do rei, Meissa foi cercada por uns cinquenta deles. Portavam espadas e lanças. Eram bastante fortes e vigorosos e estavam todos montados. Eles a viram como um grande troféu e partiram sobre ela – Vista Grande dizia isso com os olhos fixos no nada, como visse aquilo diante de si, naquele exato momento, com uma voz sinistra. – Meissa não tremeu e nenhum resquício sequer de temor exalou daquele corpo desejável. Ao invés, ela sorriu. Ergueu o seu cajado e toda aquela meia centúria partiu sobre ela, esporeando os seus cavalos,

brandindo suas espadas e lanças. E eu vi, eu juro que vi com esses olhos que a terra há de comer, ela rodou aquele cajado e bradou numa voz poderosa, que ecoou a quilômetros de distância e que até o próprio Mitrax pôde ouvir. Eu vi, eu juro, ela gritar aquela maldita palavra: coniunctio! E então eu juro que todos aqueles selvagens, juntos com seus cavalos e armas, viraram uma massa só! Os corpos daquelas podres almas fundiram-se uns nos outros e nos seus cavalos, tornando-se um único monstro disforme, com múltiplos braços, pernas e cabeças. A coisa mais horrenda que vi na vida. Não foi um amontoado de corpos dilacerados que vi. Essa visão seria muito menos terrível. O que vi foi aquele monstro disforme e vivo. E, diante do horror que aqueles homens experimentaram... eles não morreram ali. Mas... fundidos uns nos outros... e nos seus cavalos... eles imploravam por piedade... eu vi aqueles gritos, aqueles pedidos por misericórdia e aqueles relinchos... e jamais me esquecerei disso na vida... jamais! E jamais deixarei de ter pesadelos! E ela não se apiedou deles... Simplesmente caminhou, passou por cima deles e seguiu o seu caminho, deixando-os naquela agonia!

#####

Na manhã seguinte, Janta Fria alertou o rei que as provisões estavam se acabando. Assim, decidiram rumar para Landulia para reabastecimento, já que estavam a apenas sessenta quilômetros de distância. Então, seguiram a comboio. Eram, agora, em trinta e três cavaleiros e quatro carroças. Duas delas eram destinadas a levar provisões, sendo conduzidas por Janta Fria e Horácio, outra, armaduras e lanças, conduzida por Vista Grande, e a quarta estava coberta por uma lona, mas Rato Valente notou que era muito pesada.

Contudo, a meio caminho da capital de Barratas, Lança Torta, o jovem batedor que sempre ia à frente, chegou galopando velozmente, gritando:

-Troglodrom! Troglodrom!

E parou diante do rei, resfolegando.

-Onde? – indagou Alionor.

-Pouco mais de um quilômetro, atravessado na estrada! – respondeu o batedor.

-Muito bem, homens – declarou o rei. – Pegai vossas cordas. Quem o pegar, tem o primeiro pedaço do carneiro de hoje à noite! Vista Grande, cuida das carroças!

Então, diversos cavaleiros apanharam lanças finas na carroça de armas e esporearam os seus cavalos, tendo o rei à frente. Mas como Rato Valente não se mexeu, olhando tudo espantado, Pássaro Negro lhe falou:

-Vamos, garoto. Tens que ver isso!

Rapidamente, os cavaleiros atravessaram quase toda a distância que os separavam do animal, mas, a uns cem metros de distância, antes de uma curva que antecedia a sua posição, eles se detiveram e receberam as instruções do rei:

-Muito bem, rapaziada, vamos tentar cercá-lo. Quero duas companhias que seguirão uma para a direita e outra para a esquerda. Joelho Esfolado levará a da direita e Lança Torta a

da esquerda. Trotem através das árvores o mais silenciosamente que puderem. Pássaro Negro fica aqui com mais três ou quatro homens para fechar o cerco. Eu, Tronco Deitado e Livro Rasgado vamos seguir pela estrada e encontrá-lo. E lembrai-vos: jamais ficai na trajetória dele. Um leve toque de seus dentes envenenados pode ser fatal. E não vos esquecei que o bicho corre muito mais que nossos cavalos!

Então, o rei e seus dois companheiros seguiram trotando a frente. Após a curva, a uns cinqüenta metros, puderam ver o animal. Era uma espécie de lagarto, com mais de dez metros de comprimento, deitado em diagonal na estrada. Sua parte traseira não podia ser vista, pois adentrava parcialmente na floresta à beira do caminho.

-Hei! – disse Livro Rasgado. – Lança Torta não disse que era um imperial!

-É claro! Ele nunca viu um troglodrom! – exclamou Tronco Deitado.

-Quanto achas que ele mede, Tronco? – indagou o rei.

-Doze metros, no mínimo! – respondeu o cavaleiro.

Eles pararam, enquanto podiam sentir os demais cavaleiros avançando nos flancos, através da floresta. Alionor apanhou uma das três cordas que estavam penduradas na sela do cavalo. Cada uma delas terminava numa âncora leve.

-Muito bem, meninos. Talvez ele nem acorde.

Mas o troglodrom acordou. Abriu as pálpebras, expondo os olhos semelhantes aos dos gatos e ergueu a cabeça.

-Tomara que ele não erga a crista. Ficará impossível laçá-lo! – declarou Tronco Deitado.

Mas, como se o animal tivesse ouvido, ele eriçou a enorme crista em forma de leque em torno do pescoço.

-Eu e minha boca! – exclamou Tronco Deitado.

-Acho que ele não gostou de nós! – disse Livro Rasgado.

Alionor começou a rodar o laço sobre a cabeça. Os demais empunharam as lanças.

-Senhor – disse Tronco Deitado, - se não me falha a memória, há um vilarejo a menos de dois quilômetros à frente!

Então, Alionor passou a falar baixinho, para si mesmo:

-Olha nos meus olhos, criatura. Não te vires para lá!

Mas, o bicho estava desconfiado. Assim, projetou sua língua biarticulada para fora, virou a cabeça, e pôs-se a se mover pela estrada, em direção ao vilarejo.

-Vamos! – ordenou o rei, esporeando o seu cavalo.

Quando estavam a poucos metros do bicho, Alionor jogou o laço, que se direcionou corretamente em torno da cabeça. Mas, como Tronco Deitado previra, a crista impediu que o laço se fechasse em torno do pescoço e, ao sentir o contato da corda, o troglodrom ergueu a barriga e saiu em disparada.

Livro Rasgado e Tronco Deitado arremessaram suas lanças. Uma delas resvalou no grosso couro de suas costas e a outra se fincou numa das coxas traseiras. Então, o animal ganhou velocidade e disparou como um raio. Alionor forçou o cavalo e saiu galopando atrás. Os demais também, mas o cavalo do rei era o mais veloz.

Outras lanças surgiram dos flancos, mas apenas uma delas espetou o lagarto na região sobre uma das coxas dianteiras. Assim, o animal ficou apenas levemente ferido, o que não o impediu de alcançar uma velocidade estonteante.

Após alguns segundos, Alionor notou que avançava sozinho atrás do bicho e procurava não perdê-lo de vista. Teria que alcançá-lo antes dele chegar ao vilarejo. Então, sacaria sua espada nuai, pularia sobre ele e o sacrificaria. Mas não seria fácil alcançá-lo.

Foi quando o rei sentiu que Irvine avançava velozmente pulando de galho em galho sobre as árvores, ultrapassando o troglodrom. Então, um quilômetro além de onde o encontraram, Irvine saltou de uma árvore a outra, atravessando a estrada a sete meros de altura e, ao mesmo tempo, rodando no ar. No momento certo, disparou a sua flecha... e caiu sobre um galho flexível de uma árvore do outro lado, tomando impulso para cima, e subindo mais vinte metros até atingir o todo do dossel.

A flecha atingiu entre os olhos do animal, mas, aparentemente, não num local fatal, pois ele continuou avançando velozmente. E, nesse momento, Alionor já podia ver os telhados de alguns casebres do vilarejo. Então, forçou ainda mais o seu cavalo.

E foi quando ela apareceu. Surgiu do nada, sobre o dorso do troglodrom. Ergueu o seu cajado e imediatamente o encostou nas costas do lagarto, gritando:

-Putrefatio!

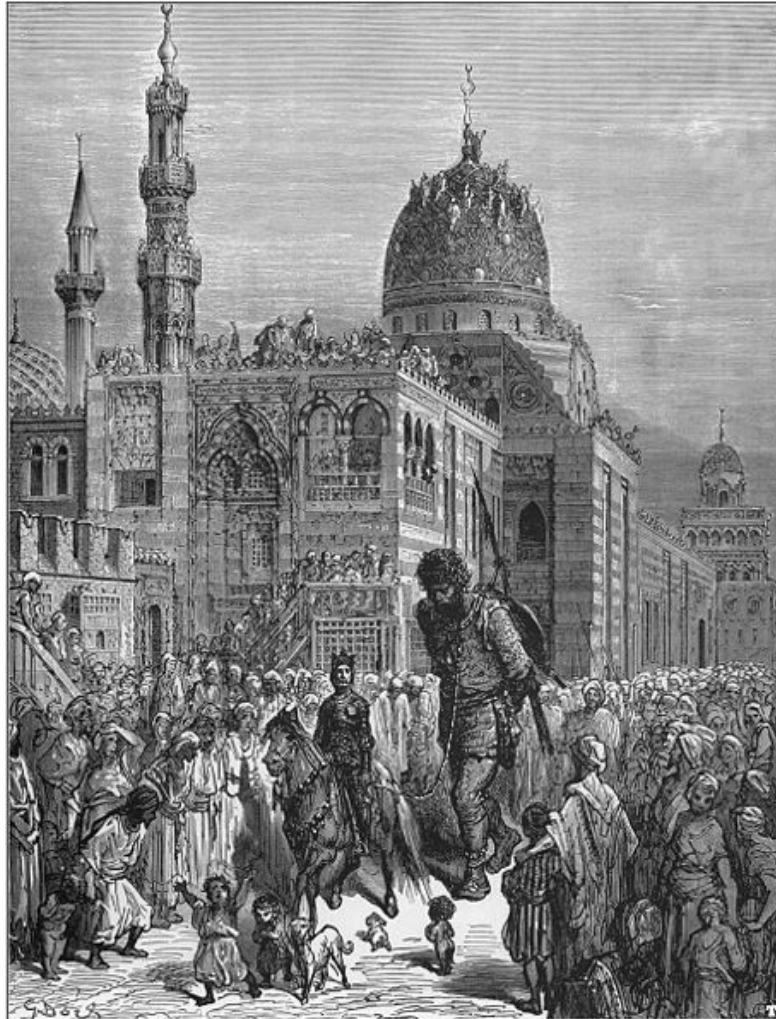
Então, o couro e as carnes do animal se desintegraram, esfarelado-se, um segundo após Meissa saltar fora, rolando pela estrada. Por inércia, o corpo do animal continuou avançando, até que lhe restasse apenas o esqueleto. A coluna vertebral e as costelas quicaram para todos os lados e o crânio desencarnado continuou à frente, rolando, e vindo a parar na porta de uma pequena casa de madeira, passando por entre homens, mulheres e crianças que, por ali, estupefatos ao verem a cena, faziam suas tarefas diárias.

Quando o rei refreou o seu cavalo, nas proximidades da maga, esta já estava de pé, caminhando na direção oposta. Nem ao menos se dignou a olhar para Alionor. Apenas disse, sem parar de andar:

-Da próxima vez que pensares em me dispensar, lembra-te que não és nada sem mim, Alionor!

#####

Chegaram a Landulia no meio do dia. Houve grande concentração de pessoas na praça central, tão logo o povo soube que seu amado rei se encontrava na cidade. Todos queriam tocá-lo. Ele desceu de seu cavalo e conversou um bom tempo com o povo. E, em meio aquela confusão, surgiu um grupo de meia dúzia de cavaleiros acompanhados por uma carroça de grandes proporções que trazia uma enorme jaula sobre o chassis. Um dos cavaleiros vinha puxando, através de uma corda, um gigante que caminhava amarrado.



O líder deles, um homem baixo e um pouco gordo, careca, mas usando uma espécie de turbante, ao ver Alionor, desceu de seu cavalo, fazendo esvoaçar os panos de cores berrantes de suas vestes. O rei também o viu e se aproximou. O homem abriu os braços e disse:

-Oh, eis o Grande Rei! Como distingui-lo do povo, ao qual se mistura e ama, se não for pela grandeza de sua alma? Como poderiam tais vestes simplórias camuflar o mais formidável dos homens?

Alionor também abriu os braços e, com um sorriso nos lábios, retribuiu a gentileza:

-Goraz! Seu ladrão imprestável!

E se abraçaram.

Horácio, que estava nas imediações, se aproximou do estrangeiro e indagou, com uma pena e seu livrinho de anotações na mão:

-Senhor, poderias repetir o que disseste?

Goraz olhou-o de cima a baixo e indagou ao rei:

-E quem é esse menino?

Alionor tentou explicar:

-Bem, Sirius insistiu que adotasse um biógrafo!

-Um biógrafo? E o que é isso? – indagou o estrangeiro, com uma voz retumbante.

Alionor ia tentar explicar, mas Goraz deu um tapa bem doído no ombro de Horácio e, rindo, disse-lhe:

-Em nem um milhão de anos conseguiria repetir o que eu disse, rapaz! – Depois, virou-se para o rei e, tendo percebido que a sua tenda já havia sido armada, continuou: - Hei, Alionor, não vais me convidar a tomar algo?

Então, ambos entraram na tenda e se sentaram sobre bancos.

-E, então, o que fazes por essas bandas, Alionor? Caçando? – indagou Goraz.

-Estamos há meses procurando um ninho. Absolutamente sem sucesso.

-Verdade? Acho que posso te ajudar! Sabes, estou com um prisioneiro... um religioso kichetu. Sabe tudo sobre esses monstros horríveis, entendes? Demorei para capturá-lo. É esperto... mas me parece inofensivo!

-Hum, interessante! Posso falar com ele?

-Fica com ele, se quiseres!

Então o rei olhou bem para o comerciante e, sorrindo, disse:

-Vejo que pareces estar muito bem, Goraz! Os negócios devem estar prosperando!

-É, os gigantes pagam bem pelo resgate de criminosos tuês, mas... sabes que meu negócio está condenado, não sabes?

-Condenado? Como assim?

-Quando aquela muralha ficar pronta... bem, o velho Rei Nestor diz que vai fechar o portão e nunca mais o abrir. Não sei o que Sirius enfiou na cabeça dele! Bem... então o meu negócio estará acabado e eu... estarei arruinado!

Goraz disse isso com bastante dramaticidade. Alionor, ainda rindo, retrucou:

-Ora, Goraz. O reino há de indenizá-lo!

Então, o perspicaz negociante visualizou a hora certa de dar o bote:

-Bem... estava pensando numa indenização específica em particular...

Mas Alionor percebeu a manobra. Imaginou que ele pediria uma fortuna, como a metade do ouro do reino, por exemplo. Entretanto, o que o comerciante tinha em mente era uma coisa completamente diferente:

-Que espécie de indenização? – indagou o rei.

-Armon! – respondeu Goraz, de pronto.

Alionor ficou bem olhando para ele durante alguns segundos. Depois as gargalhadas explodiram, enquanto tentava falar:

-Armon? Que loucura é essa?

Mas Goraz estreitou os olhos e encarou o assunto muito seriamente:

-Armon, meu querido rei, fica deste lado das Montanhas de Fogo. Não queres ter um baluarte de Mitrax no teu quintal, queres?

Então Alionor ficou sério, quase irado, e respondeu:

-Sabes muito bem que Armon é governado por anjos, Goraz. Anjos. Uma única centúria deles daria cabo de todos os nossos exércitos!

-Mas há outras maneiras... – disse o comerciante, sorrindo, com um olhar de quem sabia das coisas. – Sabes, nessas minhas andanças pela Mesovíngia... eu soube de coisas...

-Que coisas? – indagou o rei, ainda sério.

-Bem, sabes como é a relação entre os anjos, não é? Uma coisa... bastante complexa... Cada um deles quer algo diferente... cada um deles tem desejos diferentes... desejos bastante ardentes, se é que me entendes.

-Vai direto ao ponto, Goraz! – disse firmemente Alionor, quase dando uma ordem.

-Sabes, Batraal andou fazendo coisas... coisas que certamente Mitrax não aprovaria e, se ele souber... bem... ela sofrerá muito, sabes?

-E como sabes disso?

-Ah! Não, não, não, não, não. Isso eu não posso te contar! Mas... posso fazer algo melhor! Posso falar com a naldê e convencê-la a sair de Armon. E, Alionor, se eu fizer isso, me darias o reino?

Alionor olhou desconfiadamente para o seu interlocutor:

-Não estou acreditando muito nessa história!

-Mas não tens nada a perder! – exclamou Goraz, abrindo os braços.

Então o Rei de Espadas, o Primeiro, se levantou majestoso e disse, estendendo uma das mãos:

-Se convenceres os mitraxianos a deixarem Armon, sem o derramamento de uma gota de sangue sequer, ou daquela coisa transparente que corre nas veias dos anjos, então te coroarei pessoalmente como o Rei de Armon. E mais: te construirei um palácio novo em folha em Aradis!

Goraz levantou-se também e apertou a mão do rei, dizendo:

-Negócio fechado!

E, então, naquele dia, aqueles homens selaram o destino do extremo norte de Brenor.

#####

No fim da tarde, o rei sentiu vontade de caminhar para pensar, como era do seu costume. Então, sem que o desejasse especificamente, passou perto da carroça de Goraz, que trazia a jaula. Estava distraído e ouviu uma voz que assim disse:

-A ira nunca atrai coisas boas!

Então, o rei se virou. Tinha certeza que a voz viera da carroça. Estava escuro, mas se aproximou e viu, dentro da jaula, um gigante, com as mãos amarradas. Estava vestido com uma túnica de tecido grosso que lhe cobria todo o corpo e que tinha cores espalhafatosas: amarelo e roxo, em estrias irregulares, embora a roupa estivesse desbotada e suja. Tinha uma venda nos olhos e, logo, o rei percebeu, pelo jeito com que virava a face, que era cego.

-O que disseste?

-Que a ira pode fortalecer demasiadamente o inimigo! – tornou a dizer o gigante.

-Sábias palavras – disse o rei, diplomaticamente. – Quem és tu?

-Sou apenas um mestre kicheraz.

-Kicheraz? Ah, sim... um religioso kichetu, um venerador de kiches, não é mesmo?

-Tentamos entendê-las, senhor. As kiches são criaturas muito incompreendidas!

-Incompreendidas? – indagou o rei, sorrindo, um tanto nervosamente. – O que se há a entender sobre aqueles monstros assassinos?

-Há muito a se entender sobre elas, Grande Rei de Brenor. As kiches são filhas da Floresta Infinita. Foram criadas por ela durante a Guerra de Athlanda, quando as salamandras queimaram milhões de quilômetros quadrados de florestas!

-Sim, e daí?

-E daí que as kiches somente têm um propósito na vida: proteger as florestas!

Alionor olhou bem para o mestre tuê e não pôde deixar de rir. Depois ficou sério novamente e, quase irado, disse olhando firmemente para o gigante:

-Não acredito nessa história! As kiches são monstros sanguinários. Já mataram indiscriminadamente centenas, talvez milhares de brenorianos. Homens, mulheres e crianças sem distinção!

-Indiscriminadamente? – disse, rindo, o kicheraz. – Ah, não... não. Antes de executar qualquer vítima, as kiches analisam a sua alma, pois têm esse poder. Examinam o íntimo do espírito das suas presas, pesando-lhes o passado, o presente e até o futuro, o qual podem também ver. Então, dilaceram o ser vivo apenas se ele representa um risco para as florestas.

-Conversa fiada! Não acredito nessas crenças supersticiosas!

-Ah, um homem sem fé... A falta de fé ainda te fará sofrer, Alionor!

-Como sabes que sou eu que estou diante de ti? Não és cego?

-Posso ser cego, pois não enxergo como os homens. Essa venda é opaca, nada de luz passa por ela. Mas posso ver muito mais que os homens, majestoso rei! – Então, ele aproximou um pouco mais o rosto, e se fez ver melhor expondo-se à limitada luz de poucos archotes que por ali se inflamavam e completou: - Não seriam os homens os cegos? Não seriam aqueles que não enxergam as conseqüências dos seus atos a longo prazo aqueles que realmente não vêem?

-Mas que visão é essa que transforma monstros em bem-feitores?

-Examina os fatos, majestade. Pensa bem. Reflete sobre quais foram os povoados e vilas que sofreram ataques de kiches. Por acaso, não estavam construindo suas casas com madeira?

Alionor pensou e olhou desconfiadamente para o mestre kiche:

-Por que foste preso?

-Por ter desobedecido a uma única lei: o decreto real que proíbe que qualquer tuê venha a Brenor!

-Hum... sei... E por que decidiste desobedecer tal lei?

-Porque tenho uma missão a cumprir em Brenor. Uma missão de... catequese!

-Conheces muito acerca das kiches, não conheces?

-Como todo mestre kicheraz.

-Há meses vimos procurando um ninho... mas não conseguimos achá-lo! Se me ajudares, providenciarei tua libertação!

O tuê pensou por alguns segundos, depois disse:

-Aceitarei vossa oferta, majestade. E, nesse meio tempo, podereis aprender um pouco mais sobre as defensoras...

#####

Alionor mandou soltar o mestre kichetu e, na manhã seguinte, ele já andava livremente pelo acampamento, atraindo o olhar desconfiado dos cavaleiros. Mas era chegado o momento do início do treinamento de Rato Valente. Então, nessa manhã enevoada, haviam-no enfiado numa armadura e, agora, ele se encontrava amarrado por duas cordas. Ambas estavam atadas à cintura da sua armadura. Uma delas estava firmemente amarrada a uma árvore, às suas costas. A outra se prendia a um grosso fio de kiche, através de uma argola de ferro, e o fio de kiche era bastante comprido – uns dez metros mais ou menos – e atravessava um tapume de madeira colocado na vertical, através de um orifício, onde havia uma figura rústica de uma kiche, pitada sem muito esmero com uma tinta escura. O fio de kiche estava esticado, o que fazia com que Rato Valente sentisse uma tração que o pressionava para frente. Pássaro Negro, que estava ao lado do recruta, disse, ao entregar-lhe uma lança:

-Esse é o primeiro passo no treinamento de um cavaleiro da Ordem do Dragão Dourado. É o que acontece quando caçamos kiches. Elas lançam os seus fios e eles grudam nas nossas armaduras. Então, somos violentamente puxados. Temos que estar preparados!

Ele disse isso da maneira mais séria que podia, mas os demais cavaleiros, que estavam reunidos em roda em torno, tinham que colocar as mãos na boca para conter o riso. Rato Valente olhava o seu instrutor com uma cara de assustado.

-E... o que... eu vou ter que fazer? – indagou ele, gaguejando.

-É só segurar a lança!

E, então, Pássaro Negro fez um sinal com a cabeça para Tronco Deitado. Este estava com um machado na mão e, imediatamente, cortou virilmente a corda que prendia o menino na árvore. Com o corte, o fio de kiche se contraiu e Rato Valente foi arremessado violentamente para frente. Ele conseguiu segurar a lança por uns três metros, mas essa virou e se fincou no chão. Então, ele a soltou e ela quicou no ar, passando sobre a cabeça de Livro Rasgado, logo após ele se abaixar. Quanto a Rato Valente, se esbarrachou contra o tapume de madeira e caiu para trás, de costas no chão, tonto.

Todos explodiram em risos, menos Pássaro Negro e Alionor, lado a lado, que olhavam tudo divertidamente.

-É – disse Pássaro Negro. – Acho que o menino leva jeito!

Alionor deu-lhe um tapa no ombro e retrucou:

-Então treina-o bem!

Tronco Deitado correu para ajudar o rapaz a se levantar. Quando o colocou em pé, ouviu-o dizer:

-Não sei se conseguirei fazer isso! Sou um fracasso!

-Fracasso? – indagou Tronco Deitado. – Foi o melhor arremesso que vi! Nem largaste a lança de cara!

Rato Valente olhou o companheiro intrigado. Depois, Tronco Deitado se empolgou e passou a falar alto, para que todos ouvissem:

-Ah, rapaz, precisavas ver o que aconteceu com Livro Rasgado nesse teste. Ele bateu na madeira de cabeça pra baixo!

Todos riram ao se lembrar do episódio.

-E Pássaro Negro, então. Ele enfiou a cabeça no buraco da madeira e ficamos meia hora tentando tirar ele de lá!

-É verdade! É verdade! – disseram todos, rindo.

-E Joelho Esfolado, então. Não é a toa que ele tem esse nome!

-É mesmo! – disseram os companheiros, rindo mais ainda.

-E Lança Torta! Ele... ele... bem... ele não tem esse nome por causa desse teste!

Então todos explodiram numa gargalhada só. Livro Rasgado teve que segurar a pança de tanto rir. Joelho Esfolado pôs a mão na boca e se agachou para sufocar as gargalhadas. Irvine ficou com a pele intensamente esverdeada.

-Senhores – disse o rei, ligeiramente mais sério, se referindo a Irvine, que também observada tudo, sorrindo, - há uma dama presente!

#####

Mais tarde, Joelho Esfolado chamou Rato Valente para ajudar-lhe a verificar as condições de uma carroça.

-Ajuda-me a olhar embaixo da carroça, ver se não há vazamento.

-Vazamento? – indagou o rapaz. – Por que essa carroça sempre é deixada mais longe? O que tem nela?

-Óleo, garoto. Óleo! – respondeu Joelho Esfolado, agachando-se e olhando em baixo da carroça.

Depois se levantou e ergueu parcialmente a lona que a cobria. Rato Valente observou intrigado que a carroça estava abarrotada de coisas que pareciam barris. Mas eram barris estranhos, pois eram cilindros de ferro, menores que um barril de madeira, algo que jamais havia visto antes. Outra coisa intrigante foi a carroça. Ela também não era feita de madeira, mas um metal que ele absolutamente desconhecia.

Enquanto isso, Irvine, intrigada, observou o gigante que estava sentado no chão, longe de todos, fazendo algo. Aproximou-se e indagou:

-O que fazes?

O gigante parou por alguns instantes. Ergueu a cabeça, mas não na direção dela, como se quisesse a ouvir melhor. Ele tinha uma faca na mão, a qual usava para moldar um pedaço de madeira.

-Um pífano – respondeu ele.

-Sabes tocar?

-Todo kicheraz o sabe – respondeu ele, com o rosto voltado ao longe. – Estou no vigésimo ano de aprendizado da música kichetu.

-Interessante – disse a elfa, se sentando no chão e cruzando as pernas. – Nunca ouvi música kichetu!

O gigante sorriu, sem nada dizer e continuando a fazer o seu trabalho.

-Como consegues ver? – indagou ela, curiosa com a venda espessa do tuê.

-Há os sons, os cheiros, o vento... e depois... eu vejo... vejo as almas!

-Vês as almas? Queres dizer que enxergas o plano astral?

-Oh – respondeu, sorrindo, o religioso, - vejo que sábia és, princesa. Conheces a existência do plano astral!

-Por que me chamas de princesa? – perguntou Irvine desconfiadamente.

-Por seres Irvine, a terceira dos filhos de Bhorgus!

A elfa olhou para um lado e para o outro, para se certificar de que ninguém havia ouvido aquilo.

-Não digas a ninguém, está bem? Ninguém sabe aqui quem eu sou!

-Como quiseres... Irvine! – respondeu o gigante.

-Como sabes quem eu sou?

Então, o kicheraz virou-se para ela, mostrando o seu rosto pálido e cheio de cicatrizes e, o que quer que seja que tinha por trás da venda parecia de fato vê-la. Assim, respondeu:

-Disse que enxergo as almas, não é?

#####

Algumas horas mais tarde, já abastecidos, deixaram a cidade, em comboio. Todos foram montados ou nas carroças, exceto o gigante, pois não havia montaria para ele. O kicheraz indicou o caminho, dizendo que encontrariam o ninho a noroeste. Assim, foram pela estrada e tomaram o rumo norte, na primeira bifurcação. Mas não haviam percorrido ainda nem dez quilômetros, quando encontraram um destacamento de gnomos, caminhando alegremente na direção oposta e cantando, com redes de caçar borboletas nas costas:

E um troglodrom num tonel de vinho

O que é?

Kastuzília! Kastuzília!

E o luvarti que desdentado está?

Kastuzília! Kastuzília!

E, na frente da coluna de gnomos, estava o próprio Guldariar, o rei, parecendo feliz da vida.

Ao vê-los, os dragões dourados detiveram os seus cavalos. Vista Grande, comprimindo os olhos, desabafou:

-Ora! Se não é aquele sem-vergonha do Guldariar!

O grande Alionor, ao vê-lo, desmontou incontinenti de seu cavalo e se apressou em lhe dar um abraço, dizendo:

-Seu tratante!

-Seu bastardo! – foi a resposta do gnomo.

-O que fazes por aqui, Gul? As coisas estão tão monótonas assim lá em Fétrea? – indagou o rei, sorrindo.

-Ah, que nada! Mas um gnomo precisa respirar um pouco de ar puro de vez em quando! Estamos caçando luvarti! – disse Guldariar, orgulhoso de si mesmo. Depois olhou para um lado e para outro, e completou baixinho: - Não vai contar à minha esposa, está bem?

-E qual é a graça em caçar luvarti?

-Ah, precisa ver a carinha deles dentro dessas redes! – e levantou a rede que levava às costas.

Então foi a vez de Alionor olhar a sua volta e, imediatamente após, disse:

-Preciso falar uma coisa contigo... em particular!

Assim, saíram, os dois reis, da estrada e se posicionaram atrás de uma moita para conversar sobre coisas de estado. Nesse meio tempo, Pássaro Negro entregou um papel a Rato Valente, contendo um esboço que fizera mostrando as presas de uma kiche. Mas, antes de falar sobre isso, disse:

-Os dragões dourados têm duas grandes regras.

Mas Rato Valente já ouvira a principal delas:

-Nunca deixar um companheiro para trás – recitou o rapaz.

-Sim! Mas há uma outra – continuou Pássaro Negro: - Nunca soltar a lança!

Rato Valente pensou durante alguns instantes. Depois acenou com a cabeça dando a entender que havia compreendido. Depois olhou para o papel e seu instrutor continuou a aula:

-Vê: as kiches machos possuem quatro pares de presas. As maiores, com setenta centímetros de comprimento não cortam, são feitas para segurar a vítima. Mas são fortes e podem até amassar uma armadura esmagando o cavaleiro. Por isso, nossas armaduras são pesadas e possuem casco duplo! Abaixo das presas maiores estão as duas duplas de presas dentadas. Essas são afiadas e podem tranquilamente retalhar qualquer animal. São como tesouras que cortam até osso como manteiga! Mas as duas duplas não têm movimento independente. Se tu travares uma delas, a outra dupla também pára de se mexer. Os gigantes usam um objeto, um tipo de cilindro de madeira, para botar entre essas presas, para imobilizá-las. O nome desse objeto é... é...

Rato Valente estava impressionado e ouvia tudo atentamente. Mas o mestre kicheraz também estava ouvindo e, ao perceber a dificuldade de Pássaro Negro em lembrar o nome do objeto, disse:

-Kotra. O objeto se chama kotra.

Pássaro Negro ficou em silêncio durante alguns instantes, olhando desconfiadamente para o gigante. Depois continuou.

-Agora, as presas superiores. Na minha opinião, são as piores. São menores, mas são perfurantes e cortam qualquer coisa. E, quando uma kiche segura um homem, essas presas ficam na altura do rosto. Então, elas retalham os nossos elmos. E, se tiveres sem elmo, bem...

Rato Valente olhou para o mestre kichetu e viu as marcas no seu rosto. Ele não era um homem, mas um gigante. Contudo, mesmo assim, Rato Valente imaginou que as presas superiores também atingiriam o rosto de um gigante, talvez de forma ainda mais direta que no caso de humanos.

-E uma kiche – continuou o instrutor – não lança a sua teia a partir do abdômen, como fazem as outras aranhas. O fio sai bem do meio das presas superiores. Então é para lá que somos puxados!

-E o veneno? Sai de onde? – indagou o jovem dragão.

-Ah, esse sai do abdômen. As kiches têm um ferrão lá, como as abelhas. É um ferrão estranho pois mesmo sendo grande e perfurando o corpo de uma pessoa, não a mata. Acho que o veneno tem poder cicatrizante, sei lá! E o veneno que elas injetam... bem... não mata também a pessoa, mas... faz algo pior... acho que mata a alma da pessoa... aos poucos!

Ao ouvirem o relato de Pássaro Negro, todos ficaram em silêncio. Os gnomos já estavam nervosos, amassando os gorros entre as mãos. Então, o gigante balbuciou baixinho um velho provérbio kichetu:

-Nur kiche, no ruah!

Enquanto isso, a conversa entre os reis prosseguia:

-Ouve, Gul, se por acaso eu precisasse de alguma pedras...

-Pedras? Pra que?

-Estou pensando se não seria melhor construir casas de pedra, para o povo, ao invés de madeira...

-Casas de pedra? Ora... – indagou o gnomo, coçando a barba. – E quantas casas seriam?

-Bem... preciso ainda abrigar cerca de três milhões de famílias.

-Três o que? – perguntou Guldariar, com apenas um olho aberto. – Bem, sei contar só até mil, mas acho que precisas de um bocado de pedra!

-Poderias me fornecer essas pedras? Todas as minhas pedreiras estão trabalhando para a Muralha!

-Fornecer? – indagou o gnomo, com as mãos na cintura. – E o quanto eu lucro nisso?

-Bem... não havia pensado ainda numa forma de pagamento... O que sugeres?

O gnomo pensou, andando de um lado para o outro com as mãos unidas nas costas.

-Ouro! – disse finalmente. – Quero ouro!

-Ouro? – indagou Alionor, dando de ombros. – Mas não tenho ouro!

O gnomo pareceu decepcionado. Ficou paralisado olhando o rei dos homens. Então balbuciou:

-Prata?

-Também não tenho prata, Gul.

-Então o que tens a me oferecer? – indagou o gnomo, gesticulando.

-Bem... no momento... apenas... amizade!

-Amizade? – exclamou Guldariar, um tanto indignado. Depois andou para um lado, andou para o outro e, então, ajeitou as calças, cuspiu na palma da mão e a estendeu a Alionor, dizendo:

-És muito convincente, senhor Rei de Espadas! Negócio fechado!

Alionor sorriu e apertou a mão do gnomo:

-Negócio fechado!

#####

No dia seguinte, estavam avançando pelo caminho indicado pelo gigante. Ele estava dando os últimos acabamentos no seu pífano, usando um pequeno canivete e, de vez em quando, assoprava, sem que um único som fosse ouvido.

E, pouco antes da hora do almoço, apareceu o primeiro monstro. Um kiche macho, com manchas amarelas. Seguiu o comboio, deslizando-se sobre uma elevação, que ladeava a estrada. Em princípio não o perceberam, pois as kiches são muito silenciosas e furtivas. Mas, logo, o mestre kichetu ergueu a cabeça, e disse:

-Há uma presença entre nós!

E, imediatamente, ela pulou na frente do comboio, erguendo-se ameaçadoramente nos seus três metros de altura, aparentemente irada. Então, tudo aconteceu muito rápido:

Alionor, Livro Rasgado e Irvine vinham na frente. Ao se depararem com o monstro, todos os seus cavalos se assustaram e empinaram. Eles sabiam que a melhor coisa, nessa circunstância era não permanecer montado. Assim, deixaram-se cair no chão e rolaram para se abrigar o mais rápido que conseguiram. A kiche, por sua vez, projetou a sua teia e puxou violentamente o cavalo de Livro Rasgado, estraçalhando-o nas mandíbulas.

Todos desmontaram o mais rapidamente possível e procuraram lanças e arcos. Pássaro Negro imediatamente retirou a lona de sobre a carroça de armas. Horácio estrategicamente se escondeu por trás de uma grande pedra. Uma das carroças de mantimentos virou quando os cavalos se assustaram, aumentando a confusão.

Em meio ao tumulto, a kiche procurou por aquele que tinha o coração mais amedrontado: Rato Valente, que estava desorientado, sem saber o que fazer. Assim, ela projetou novamente a sua teia, atingindo-o em cheio. Então, puxou e ele voou pelo ar. Mas, antes de atingir as mandíbulas do animal, conseguiu agarrar um escudo e foi este que atingiu a kiche, bem na altura dos olhos. Surpreendido, o animal o largou. Rato Valente caiu violentamente no chão, a dois metros do inseto gigante, mas este estava enfurecido e partiu para cima do rapaz, não se detendo mesmo quando Irvine lhe espetou uma flecha num dos olhos.

Enquanto isso acontecia, uma parte dos cavaleiros vestia armaduras apressadamente, enquanto outros, portando lanças, tentavam organizar um meio círculo em torno do animal para espetá-lo.

Mas a kiche se moveu tão rápido que fechou suas presas maiores em torno de Rato Valente. Mas esse, por puro reflexo, conseguiu colocar o escudo entre ele e o monstro, de forma que este abocanhou, na verdade, esse objeto. Então o ergueu, mas Rato Valente não o soltou - sua mão estava presa - e foi erguido junto. Irvine já tinha outra flecha na mira, mas hesitou em atirar, com medo de atingir o rapaz.

Os homens passaram a espetar o animal, mas esse estava enlouquecido e, com suas oito patas, dava golpe nos cavaleiros, jogando-os longe. Ao mesmo tempo, virava violentamente a cabeça de um lado para o outro, sacudindo Rato Valente junto. Alionor, com a sua espada, cortou uma das pernas da aranha, mas outra das suas patas o jogou longe.

Então, finalmente, o monstro largou o escudo, projetando-o longe com Rato Valente junto. Este veio a se chocar contra uma árvore e ficou desfalecido.

Irvine inutilizou mais dois olhos da criatura e, nesse meio tempo, Livro Rasgado e Tronco Deitado, os mais rápidos, já haviam vestido as suas armaduras e se posicionavam com suas lanças na frente da kiche. Então, passaram a bater fortemente sobre o peito de suas armaduras, com a mão esquerda fechada, onde havia a figura estampada de um dragão dourado, fazendo grande barulho, para atrair o animal, gritando coisas como:

-Hei, seu bicho nojento. Vem enfrentar quem pode contigo! Vem enfrentar um dragão dourado!

E, de fato, a kiche parou. Foi atraída pelas suas vozes e passou a examiná-los, com os olhos que ainda lhe restavam.

Nos dois segundos em que o exame se deu, Tronco Deitado e Livro Rasgado se olharam, abaixaram as viseiras dos elmos, enquanto disseram ao mesmo tempo:

-Doze a doze!

E se viraram para o monstro, posicionando suas lanças. E, se o leitor fosse um daqueles dragões dourados, teria sentido o que eles sentiram. Pois eles sentiram como se o tempo parasse, como se tivessem diante dos portões do inferno. Sentiram os seus corações apertados no peito, quase querendo sair pela boca. Sentiram-se como se estivessem à beira de um precipício e a queda estava ali, espreitando-os, enquanto o silêncio da vida suspensa os acariciava e seduzia.

E, então, a kiche disparou o último fio da sua existência. Esse atingiu Livro Rasgado bem no peito e, menos de um segundo depois, já estava entre as mandíbulas do monstro, que se contorcia e guinchava, ao ter a lança lhe varado a cabeça, bem entre os olhos.

Livro Rasgado revolveu a lança no interior do monstro com raiva, enquanto que a kiche tentava ir para trás, tropeçando nas coisas, para se salvar, e o cavaleiro gritava:

-Morre, sua desgraçada! Morre, coisa nojenta!

Então, finalmente, a kiche se encolheu e aquietou, parecendo muito menor do que realmente era. Livro Rasgado caiu deitado de costas no chão, cheio de sangue de kiche, resmungado:

-Ah, que coisa nojenta! Que coisa nojenta!

Tronco Deitado lhe estendeu a mão e o puxou novamente para ficar em pé, reclamando:

-Droga! Agora és o campeão! Treze a doze!

Alionor correu para junto de Rato Valente. Vista Grande já o segurava, tentando manter sua cabeça levantada, de onde escorria muito sangue. O rapaz estava inconsciente e Vista Grande informou, aflito:

-Talvez tenha quebrado o pescoço, comandante!

Foi somente então que Meissa apareceu, andando tranquilamente através da confusão. Ao vê-la, o rei imediatamente se pôs de pé e quase gritou no seu ouvido:

-Onde estavas?

Ela nem se dignou a olhar para o rei, continuando a andar e parando perto do corpo da kiche, dizendo:

-Já vi que não posso te deixar um minuto sozinho!

Ela tocou o monstro, para se certificar que realmente estava morto. Alionor olhou bem para as costas dela e acrescentou:

-Sabias que isso ia acontecer, não sabias? Por isso chamaste Rato Valente de natimorto! Por que não me disseste?

Ela se levantou, olhou rapidamente para ele e disse:

-E adiantaria alguma coisa?

Depois se afastou novamente.

Alionor a viu se distanciar e, então, com ódio nos olhos, praguejou:

-Maldita tetravisão!

#####

Mas Rato Valente não morreu. Os remédios élficos são poderosos e Irvine cuidou dele. Mas, na manhã seguinte, quando Irvine e vários cavaleiros estavam sob a tenda do rei, ao lado de Rato Valente, que havia sido lá instalado e que já abria os olhos, ouviram o soar de uma trombeta.

-Elfos! – exclamou Livro Rasgado.

E a trombeta soou de novo.

-E essa não é uma trombeta qualquer – disse profeticamente Vista Grande. – É a trombeta de Albion!

-O que ele faz aqui? – indagou, mais para si que para os outros, Alionor, com um sorriso nos lábios.

Mas Irvine não sorriu. Antes, ficou apreensiva.

Incontinenti, o rei saiu da tenda, acompanhado pelos companheiros. O príncipe élfico já estava lá no descampado onde pararam na noite anterior, acompanhado por algumas dezenas de elfos arqueiros, montados em cavalos. Ao ver Alionor, abriu os braços e disse:

-Irmão!

Alionor correu e o abraçou fortemente, dizendo:

-Seu tratante de uma figa!

Albion era um elfo notus, jovem e forte, com longos cabelos brancos e lisos.

-Hei – disse ele, - precisamos provocar mais algumas salamandras, estou com saudades dos tempos de guerra, quando lutávamos lado a lado!

-Vamos invadir Dracmali, então! – retrucou o rei, brincando.

Logo, um dragão verde pousou logo ali, a poucos passos do rei e do príncipe e outro elfo saltou dele. O dragão estava coberto por diversos pedaços de tecidos coloridos e fitas, dando-lhe uma aparência bizarra e chamativa. O elfo que lhe montava era Mordarion, o irmão de Albion, segundo na sucessão do trono de Karnevia.

Alionor também o saudou, levantando os braços:

-Salve, Mordarion!

E, então, os três se abraçaram.

-Vamos entrar e tomar alguma coisa! – exclamou o Rei de Espadas.

-Não podemos – disse Albion, - estamos com pressa!

-Pressa? Ora! O que viestes fazer por aqui?

-Procuramos nossa irmã – disse Mordarion. – Ela se perdeu dos primos não muito longe daqui. Podes nos ajudar, irmão?

-Vossa irmã? Eu nem sabia que tínheis uma!

-Ela é mais nova que nós – explicou Albion. – Não tem nem cem anos! Por acaso não a viste?

-Não, irmãos. Uma elfa nos acompanha e nos ajuda. Mas Irvine não...

Alionor iria falar sobre Irvine, mas quando os elfos ouviram o nome dela, o interromperam, gritando:

-Irvine? É essa!

O rei ficou alguns segundos em silêncio, piscando e pensando. Depois, pôs as mãos na cintura, olhou para o chão, olhou para o céu e suspirou. Depois, de boca aberta, tentou indagar:

-Irvine? Então... quer dizer... A Irvine... Quer dizer que Irvine é vossa irmã? Filha de Bhorgus, o rei dos elfos?

Albion o olhou seriamente e respondeu:

-Sim, essa mesma!

-Essa é boa! – exclamou o rei, incrédulo.

Depois de pensar mais um pouco, disse a Vista Grande:

-Vista Grande, vai chamar a Irvine!

-Senhor, ela já não está mais na tenda – explicou calmamente o ancião. – Eu a vi sair depois de nós, entrando ali na floresta.

Mordarion olhou para o irmão e disse:

-Temos que levá-la, Albion!

Alionor estendeu os braços na direção aos elfos e declarou:

-Deixai. Eu a encontro! – e saiu na direção indicada por Vista Grande.

Após alguns meses em campanha pela Ordem, o rei já a conhecia bem. Sabia que ela estaria sobre uma alta árvore, espreitando tudo. Então, caminhou em silêncio e com os ouvidos apurados. Quando ouviu um barulho muito sutil, olhou para cima e viu algo que se mexera e acabara de parar. Então, começou a escalar uma árvore.

Subiu, subiu muito alto. Ela sabia que não poderia se mexer, do contrário revelaria sua posição. Mas, quando estava já a vinte metros de altura, conseguiu ver algo entre os galhos. Uma coisa... diferente.

-Vai embora! – disse ela.

A voz não soava com a de Irvine, e também a aparência não era a dela. Estava escondida entre os galhos, bem mais alto que o rei, mas Alionor podia ver que tinha cabelos mais curtos e parecia menor.

-Irvine? – indagou o rei.

-Não sou Irvine – disse aquela voz, que parecia de uma garota. – Ela me disse que voltaria logo!

Alionor subiu mais um pouco e a observou melhor. Mas não poderia subir mais, pois os galhos já estavam bem finos. Aquela elfa que estava sobre os galhos parecia uma menina de uns dez ou doze anos, que procurava esconder o rosto com uma das mãos, olhando em outra direção.

-És Irvine, não és?

-Não! Meu nome é... é Nerah!

-Irvine... teus irmãos te procuram! Não és uma dríade ainda, não é mesmo?

O coração da elfa palpitava. Ela também conhecia Alionor muito bem, o suficiente para amá-lo, e ela não queria que ele a visse como uma bóreas, com a aparência de uma menina, e sim como uma mulher desejável.

Mas, ao olhar para ela, ao ver aquela menina que parecia chorar, o coração do rei também bateu diferente. Apareceu um sentimento que absolutamente ele não compreendia. Um misto de ternura, paternidade e... redenção.

-Ouvi, Irvine. Se não vieres até mim, eu vou subir!

A elfa hesitou e Alionor começou a subir.

Ela sabia que ele não se deteria e acabaria quebrando um galho, despencando das alturas. Mas uma elfa bóreas pode voar. E foi o que ela fez.

Invocou os ventos. E se lançou no ar. De braços abertos.

Caiu alguns metros, enquanto o rei se virava para observá-la. Depois se elevou velozmente e se foi por cima do dossel.

Mas, antes de seguir viagem, acabou passando por cima da clareira e foi vista pelos irmãos.

-Nerah! – gritou Albion.

Mordarion passou a caminhar rápido em direção ao dragão, dizendo:

-Deixa que a pegu!

De um salto, montou sobre o animal ondino e se lançou ao vôo. E os dragões verdes élficos são os mais rápidos e ágeis do mundo. Então, rapidamente, já estava no encalço da princesa élfica.

Mas ela era rápida e habilidosa. Assim, numa sucessão rápida de desvios e piruetas, não permitiu que o irmão a apanhasse no ar. Até que conseguiu atingir uma área de floresta

densa, desaparecendo por entre as árvores. E Mordarion também conhecia bem a sua irmã e sabia que, naquele local, jamais a acharia.

Então, refreou a montaria e, ainda no ar, se retesou sobre o dragão, dizendo para si mesmo:

-O sangue de Athlon corre forte em tuas veias, querida irmã!

#####

Mais dois dias se passaram, enquanto a companhia seguia o caminho determinado pelo mestre kichetu. De vez em quando, ele soprava o seu pífano, depois ficava em silêncio, escutando algo que absolutamente não podia ser ouvido. Depois indicava o caminho.

-Vamos por aqui – dizia.

As estradas já haviam ficado para trás. Então, freqüentemente tinham que abrir picadas por entre a floresta. Mas o gigante aconselhara a não derrubar árvore alguma. Então, o avanço era lento.

E foi no terceiro dia que ele apareceu. Ninguém sabe como ele achou o grupo, mas, numa tarde, de repente, logo após armarem acampamento, Sirius apareceu na tenda do rei.

Surpreendido, o rei não soube o que lhe dizer, mas o mago sorriu, por trás de sua barba cinzenta, indagando:

-Ainda não enjoaste de caçar?

-Sirius! O que fazes aqui?

-Vim rever os amigos. Mas não posso ficar muito!

-Retornaste direto da Muralha?

-Sim. Devias estar lá, Rei de Brenor, e não aqui, caçando feras.

-Sirius, sabes que eu...

-Ora, Alionor – interrompeu o mago, mirando o rei bem nos olhos. – Sabes que podes deixar essa tarefa a cargo de Livro Rasgado. Ele é competente o suficiente para isso.

Mas o rei não queria nem falar sobre isso.

-Como estão as coisas por lá?

-Já temos fluxo telúrico o suficiente ao longo de cem quilômetros para o deslocamento dos blocos. Queria que visses aquilo!

-Ver o que? As pedras voarem? Não... prefiro poupar o meu povo do sofrimento!

-Não poderás mais poupar o povo do sofrimento se peresceres nas mandíbulas de uma kiche! – disse o mago, agora parecendo já meio zangado.

-Sirius... já matamos dezenas de kiches machos... e duas fêmeas!

-Mas elas estavam em seus ninhos, não é? Uma kiche fêmea no ninho é vulnerável... Agora, o que farias, Alionor, se tivesses que enfrentar uma fêmea em campo aberto?

O mago disse aquilo de tal forma que deixou o rei ligeiramente desconcertado. Mas ele pensou durante poucos segundos e respondeu:

-Usaria o dragão!

-Há! O dragão! – zombou o mago. – E como sabes que vai funcionar?

-Belial me garantiu que...

-Ah! Belial! – interrompeu novamente Sirius, olhando para o alto, demonstrando impaciência. – Um anjo conhecido mundialmente pela falta de seriedade!

-Sei que ele disse a verdade, Sirius.

-E pretendes apostar a tua vida nisso, não é? – indagou o mago, de forma desconcertante.

Alionor ficou olhando-o por alguns segundos. Mais uma vez, o mago de Lumerae parecia o seu pai. Mas, de repente, o mago abaixou a cabeça, segurou firme o cajado e se pôs a andar de um lado para o outro, parecendo preocupado.

-Sabes? Vim te dizer algo...

-O que é?

-Falei com Mitrax... – confessou, em voz baixa.

-Mitrax? – gritou o rei. – Que história é essa?

-A voz dele... tem surgido de vez em quando na minha cabeça...

-Como?

- Fizemos o acordo, Alionor!

-Acordo?

-Sim! – gritou o mago, levantando novamente a voz, parecendo de novo irritado. – O acordo para a construção da Muralha! Eu te disse que precisaríamos da permissão dele! A Muralha deve chegar à ala norte das Montanhas de Fogo, Alionor, atravessando os seus domínios!

-E quais foram os termos desse acordo? – perguntou o rei, desconfiado.

-Ele quer que instalemos um Oráculo... em Dracmali.

-Em Dracmalí? Um Oráculo... na posse de Mitrax e... das salamandras? Por que não em Promethea?

Sirius estreitou os olhos, parecendo olhar para longe, então, disse pausadamente:

-Aparentemente Mitrax não confia em seus anjos... Depois, ele quer que o Oráculo controle o acesso ao Fogo Azul. Ele não quer que outros anjos tenham o mesmo destino de Azaziel...

-Oh, muito humano da parte dele! – ironizou Alionor. – E, para isso, vamos colocar um oráculo nas mãos... nas patas das salamandras!

-As salamandras não terão o controle do Oráculo! São muito estúpidas para decifrar os códigos elaborados pessoalmente pelo Arcanjo Gabriel. Mas elas protegerão o acesso a ele, impedindo qualquer aventureiro de ativá-lo!

-Lembra-me de mandar um presente para elas, então!

Vendo que o rei não se convencera, Sirius acabou sorrindo e deu um tapa no ombro do rei.

-Ouvi, Grande Rei dos Homens, somente um mago treinado nos Doze Ensinaamentos pode decifrar aqueles códigos. Estará seguro! – Então, colocou as duas mãos sobre a cabeça petrificada da serpente que constituía o seu cajado e completou com voz suave:

-Partirei em um mês para o norte. Dos vinte e três mil trolls que trabalham na construção, levarei mil e outro tanto de gigantes, cedidos por Nestor. E levarei quantos magos puder, incluindo Meissa.

-Boa viagem! – exclamou o rei, cruzando os braços, em atitude que quem não contribuiria em nada com a viagem do mago.

Sirius observou o seu pupilo durante alguns segundos, depois, desabafou:

-Esquece Meissa, Alionor. Ela te faz mal.

-Gostas dela, não é, Sirius? – indagou o rei, suspirando.

-Estás vendo este cajado? – perguntou o mago, mostrando o seu objeto mágico. – Dizem que um mago nasce destinado a um mínimo pedaço do Universo, um pedaço que reflete a sua alma... E Meissa foi destinada à outra parte deste objeto! Nossas almas estão entrelaçadas, Alionor. A força que nos une é... descomunal... sobre-humana... – agora, Sirius olhava o nada, além de qualquer objeto material. – Nossos destinos... inseparáveis para todo o sempre! Amo-a, Alionor, amo-a de forma que está além do próprio arrebatamento, algo muito mais intenso do que pode imaginar qualquer ser humano. Ficar desprovido dela seria... seria como parar de respirar... seria como um suplício eterno, incomensuravelmente insuportável...

Durante a fala do mago, Alionor permaneceu olhando para outro lado. Sofria. Estava sem ar. Sentia um sufoco incomensuravelmente insuportável.

Sirius percebeu o sofrimento do seu aprendiz, mas não podia mensurar a sua intensidade.

-Devias te casar, Alionor. Encontrar uma moça que pudesse amar-te sinceramente e que te desse filhos!

Alionor estava sentado numa almofada, olhando para o outro lado. Pôs-se a fazer desenhos com o dedo, aleatoriamente, riscando a terra. Mas ele já havia tomado uma decisão:

-Sirius... Achas que poderia casar-me com uma elfa?

O mago ficou com as orelhas em pé.

-Uma elfa? Bem... acredito que sim...

-E se essa elfa fosse... a filha de Bhorgus?

Sirius arregalou os olhos e sorriu. Depois de uns três segundos, finalmente disse:

-Esplêndido, Alionor! Teríamos uma sólida aliança com Karnevion!

Alionor tentou sorrir também. Mas como sorrir, se o seu coração estava em pedaços?

#####

Dali a dois dias, o comboio avançava pela pradaria. Já haviam deixado a Floresta de Barratas e entrado no Ducado de Marmórea, estando a menos de cinquenta quilômetros ao sul do Rio Mégion. O terreno tinha muitos altos e baixos, formado por pequenas colinas, cheias de pedras. Assim, as carroças avançavam lentamente.

Então, sem que ninguém tivesse visto, o mestre kichetu pareceu ouvir algo. Sabia que estavam perto. Assim, tirou uma nota longa e profunda de seu pífano. Um som audível, mas que tinha uma componente secreta. Depois, pôs-se a ouvir novamente. E o que ele ouviu, mesmo não sendo audível aos ouvidos humanos, gelaria o coração de qualquer ser vivente. Assim, ele soube, naquele momento, que a sua missão estava quase cumprida.

E, aparecendo do nada, sem produzir qualquer som, por trás de uma colina, elevou-se, repentinamente, uma kiche fêmea, adornada por listras amarelas. As pernas surgiram primeiro. Depois, seu gigantesco corpo se elevou a vinte metros de altura, bem diante dos cavaleiros.

Os cavalos empinaram. Os cavaleiros correram até a carroça de armas e tiraram a lona, revelando dezenas de armaduras, elmos e lanças. Alionor permaneceu no cavalo e começou a dar ordens:

-Protegei-vos! Nada de círculo de lanceiros. Preparai o dragão!

Então, tirou a espada nuai da cintura, preparando-se para tentar cortar os fios que fossem lançados, embora não esperava que tivesse sucesso nessa empreitada.

Um grande contingente de homens cercou a carroça com os tonéis de óleo e a descobriu. Enquanto isso, a kiche procurava suas vítimas, selecionando-as. Então, como a proferir um aviso, lançou sua teia em alguns cavalos, elevando-os no ar em poucos segundos e fazendo-os explodirem contra as presas.

Livro Rasgado, em pé sobre os barris de óleo, passou a girar rapidamente uma manivela. Então, gradativamente, uma espécie de cilindro passou a se inclinar para o alto, parecendo um canhão. Ao mesmo tempo, uma espécie de trilho também se elevou, contendo vários tonéis de óleo, um sobre o outro. Horácio se escondeu estrategicamente por baixo da carroça de mantimentos.

Vista Grande, que estava nas rédeas, com o coração na mão, tentou forçar os cavalos em direção à kiche, mas eles relutavam. Mesmo assim conseguiu que a carroça se aproximasse a uns quarenta metros do animal. Vendo que não conseguiria se aproximar mais, pulou da carroça e tratou de desatrelar os cavalos, batendo em suas ancas, para que corresse e sobrevivessem.

Vários homens já haviam colocado armaduras, embora de nada adiantaria se fossem fisgados. Aquela era uma kiche fêmea. Mas tinham esperança de poder espetá-la com a lança.

Tudo isso aconteceu muito rápido. Mas o gigantesco aracnídeo já havia selecionado algumas vítimas. Então, se aproximou mais e fisgou vários cavaleiros, projetando-os, um a um sobre o seu próprio corpo, fazendo-os esborrachar-se na sua retaguarda.

-Vamos, homens! Empurrai! – gritou Livro Rasgado.

Vários cavaleiros se puseram a empurrar a carroça na direção da aranha, liderados por Tronco Deitado, o mais forte deles. Mas Alionor chegou cavalgando e pulou sobre a carroça. Tocou em Livro Rasgado e disse:

-Deixa que eu faço isso. Vais alimentar o dragão!

-Mas, senhor – protestou Livro rasgado, - a lenda... ela... o dragão morre no final!

-É uma ordem, capitão! – insistiu o rei.

Livro Rasgado se afastou um passo, com lágrimas nos olhos, revelando medo e mau pressentimento.

Pássaro Negro jogou uma tocha acesa para o rei. Enquanto isso, Joelho Esfolado apanhara um arco e, de trás da carroça de alimentos, projetou uma flecha em direção aos olhos da kiche. A flecha não atingiu o objetivo, vindo a se fincar no flanco direito do monstro, mas foi o suficiente para irritá-lo, desviando a sua atenção.

Alionor sentiu falta de Irvine. Ela teria acertado um dos olhos. Mas, no fundo de sua alma, tinha esperanças de que ela ainda aparecesse. Foi então que, espantado, viu Meissa caminhando decididamente, mas estranhamente lenta, em direção ao gigantesco animal.

Mas Joelho Esfolado sabia qual seria a reação da kiche. Por isso, tão logo soltou a flecha, se escondeu debaixo da carroça, segundos antes da teia atingir o móvel. Então, o

monstro puxou e a carroça se elevou no ar, com cavalos e tudo a relinchar. E todo aquele conjunto explodiu em mil pedaços, assim que atingiu as enormes presas.

-Senhor da Luz! – exclamou Joelho Esfolado, com os olhos arregalados, ao presenciar aquilo.

Procurou imediatamente outro lugar para se esconder, sabendo que o próximo fio poderia atingi-lo.

Mas o fio não veio, e ele pôde esconder-se por trás de uma grande pedra, preparando o arco para novo disparo.

O fio não veio porque a atenção da kiche foi novamente desviada. Ela observava a carroça que fora empurrada para perto pelos homens. Observava, mais especificamente, Alionor.

Nesse momento, o rei sabia que a carroça não estava próxima o suficiente. Era difícil empurrá-la naquele terreno. “Pelo menos vinte metros”, dissera-lhe o anjo. Embora estivesse tentado, sabia que não poderia acender o pavio agora.

Pássaro Negro, Joelho Esfolado e Lança Torta passaram a atirar uma grande quantidade de flechas, ao mesmo tempo, de diferentes posições, na esperança de atrair a atenção do monstro. Mas não adiantou: sua atenção estava voltada para o rei.

Alionor, então, olhou para a kiche. Bem nos olhos. E sentiu algo. As coisas pareceram passar de forma mais lenta, e os sons ficaram mais graves. Sentiu que a kiche o examinava. Não o seu corpo ou a sua aparência. Examinava a sua alma. E ele viu o que a kiche viu. Viu a si mesmo atacando árvores. Viu-se atrás daquela cabana, com raiva, golpeando os galhos há dias atrás. E viu-se no futuro, com mais raiva ainda, correndo pela mata e arrancando troncos e lascas de árvores com meros golpes de uma espada que exalava um estranho brilho azul.

“...as kiches somente têm um propósito na vida: proteger as florestas!”, dissera-lhe o mestre kichetu. Então, soube que a morte o havia atingido. Ainda não estavam em posição, mas, a última coisa que podia fazer na vida era acender aquele pavio. Assim, baixou a tocha.

Mas a kiche foi mais rápida. Projetou seu fio e, imediatamente, Alionor sentiu a extremidade do fio grudar-lhe no peito. A kiche o puxou violentamente, enquanto que a única coisa que ele poderia fazer seria soltar a tocha. A tocha caiu, mas não atingiu o pavio.

Agora, o rei voava pelo ar. Ele se viu aproximando-se daquele septo de olhos, mas passou por cima. Então, com o tempo ainda dilatado, e as coisas a se processarem de forma lenta, viu-se passando sobre o dorso do monstro e depois sobre o enorme abdômen. Sabia que morreria, pois homem algum sobreviveria a uma queda daquelas. Sabia que se esborracharia sobre o terreno rochoso e que não morreria de imediato, mas teria eternos poucos minutos de agonia. Então, enquanto que a kiche cortava a outra extremidade do fio, fechou os olhos e cruzou as mãos no peito, na posição que imaginava que um rei deveria morrer.

Imediatamente, sentiu o baque. Um baque surdo, mas... estranhamente macio. E também sentiu que uma mão lhe agarrava firmemente na nuca pela roupa e, ainda, ouviu uma voz:

-Segura-te em mim!

Abriu os olhos, confuso, e viu, diante de si, a parte inferior das costas de alguém. Virou os olhos mais para cima e viu o rosto de Irvine.

-Rápido! – exclamou ela, com um ar de preocupada.

Foi somente então, com um arrepio no estômago, que percebeu que estava sobre o dorso de um dragão verde. Irvine fazia uma curva e, lá em baixo, travava-se a batalha entre a kiche e o dragão dourado...

...pois Rato Valente havia pulado para cima da carroça e substituído o rei. Pegara a tocha e acendera o pavio.

Com o coração em pedaços, com lágrimas a lhe rolar abundantemente, pensando que o rei havia partido para o mundo dos mortos, Livro Rasgado contou:

-Um... dois... três... quatro... cinco...

Então, o dragão explodiu, lançando uma enorme labareda, assim que o primeiro tonel estourara.

-Ajuda-me aqui, garoto! – gritou Livro Rasgado, correndo até uma alavanca e começando a bombeá-la.

Rato Valente se juntou a ele. Na verdade o substituiu, pois, conforme os tonéis iam explodindo, fazendo com que o cilindro projetasse outras labaredas, Livro Rasgado foi colocando outros barris dentro do pente.

Enquanto isso, outros cavaleiros passaram a atirar flechas em chamas.

Enquanto isso, Meissa se posicionava sob a aranha, virando-se de frente para o dragão, abrindo os braços, fechando os olhos, e gritando em deleite:

-Ressurrectio Immortalis!

Não se sabe se foram aquelas palavras, mas... nenhum raio ou encantamento saiu de seu cajado. Apenas uma coisa aconteceu: A kiche dobrou o seu abdômen e salientou o ferrão, que veio descendo, até atravessar o meio do tronco da maga. O seu peito se encheu de sangue mas ela, antes de agonizar em dor, sorriu, como se o veneno que a inundara lhe desse um prazer incomensurável.

Tronco Deitado se juntara a Rato Valente na manivela da bomba. Ela parecia uma gangorra e cada um movimentou uma extremidade. Aquela bomba projetou óleo em direção a kiche, atingindo-a. E o fogo foi logo atrás, incendiando-a.

O monstro guinchou e se contorceu. Elevou instintivamente novamente o abdômen. Mas Meissa havia ficado enganchada no ferrão. Então se elevou junto e, como ainda sorrisse e mantivesse abertos os braços, parecia voar, enquanto rodava vagarosamente em torno do ferrão, até ficar de cabeça para baixo, como se estivesse crucificada.

Mas a cabeça do aracnídeo estava em chamas e não demorou muito para que despencasse e se encolhesse, guinchando de dor.

Vendo aquilo, os cavaleiros ficaram em silêncio por alguns segundos. Depois, cada um deles disse um impropério:

-Diabos! O dragão funcionou! – murmurou Tronco Deitado.

-Obrigado, Belial. Seu anjo maldito! – balbuciou Vista Grande.

Mas Livro Rasgado, que chorava e soluçava pela suposta morte do rei, tremendo, gritou:

-Morre, monstro dos infernos! Morre!

#####

À noite, após montarem acampamento novamente, Alionor estava diante do gigante, que se preparava para partir.

-O ninho está nas imediações. Uma kiche fêmea nunca se distancia muito dele quando há ovos.

-Eu sei – disse o rei. – Muito obrigado!

-Agora, devo voltar a Tuê e me entregar às autoridades. Minha missão está cumprida!

-Tua missão não era de catequese?

-Sim – disse o gigante cego, direcionando a face para o céu. – Uma missão de catequese: falar ao Grande Rei dos Homens a respeito das florestas!

Então o gigante se virou, mas disse ainda:

-Adeus, Rei de Espadas!

-Boa viagem! – desejou-lhe, ainda, o rei.

Então, Alionor observou o tuê se afastando. Ele caminhava um tanto hesitante, mas de maneira eficiente. Assim, o rei ficou imaginando como um cego poderia andar daquela forma.

Logo, Irvine apareceu ao seu lado. Alionor se virou e a observou. Viu que ela havia ajeitado o cabelo, prendendo parte dele na nuca, à moda dos elfos. E havia algo diferente na sua fisionomia. Havia se pintado? Não sabia ao certo. Mas achou que ela estava linda. E

estava... diferente. Parecia mais madura. Parecia uma dríade formada, muito diferente daquela menina bóreas, insegura e amedrontada, que encontrara sobre o último galho possível daquela árvore.

-Ela vai ficar boa – disse a elfa, referindo-se a Meissa. – Estranho esses ferrões de kiches... eles parecem desviar-se dos órgãos vitais. Soltam o seu veneno na carne e no sangue, sem afetar os órgãos... Mordarion me disse, uma vez, que as kiches não picam as suas vítimas para matá-las, mas para convertê-las...

Alionor não estava prestando muito atenção no que ela dizia. Estava preocupado em como iria propor o casamento.

...mas não sei o que isso significa! – continuou ela, sem olhar para os olhos do rei.

-Senti tua falta! – disse Alionor, finalmente.

-É – disse ela, arriscando uma olhadela tímida. – Não acertaram uma única flecha, não foi?

Ela tentou sorrir, mas não conseguiu. O rei abriu a boca para dizer-lhe algo, mas ela continuou:

-Precisamos nos despedir agora, devo partir!

-Partir? Por que? Fiz algo que...

-Não, meu rei – disse ela, olhando-lhe nos olhos. – Fostes sempre maravilhoso! Mas... – então, uma pausa. – Falei com meus irmãos. Não foi a toa que eles vieram atrás de mim. A Muralha vai dividir nossos domínios em dois. Há rixas entre os clãs e uma crise se aproxima.

-Insisti com Bhorgos para a construção de um grande portão em Karnevion, mas ele não quis. Disse que as fulfillari estariam mais protegidas com a Muralha... – tentou explicar o rei.

-Sim! Não é culpa da Muralha. São rixas antigas que estavam adormecidas, mas que, um dia, teriam que ser resolvidas. E esse dia chegou! E, depois... tomei o dragão de meu irmão emprestado... sem ele saber!

Alionor ficou confuso. Planejava pedir a sua mão assim que a visse novamente. Agora... o dever a chamava.

-Irvine... eu... – tentou dizer, mas ela colocou a sua mão nos lábios dele.

-Não digas nada. Somente te peço uma coisa...

-O que?

-Algo que dê sentido à minha existência!

-Dize!

-Isso!

E abraçou o rei, e deu-lhe um profundo beijo na boca. Um beijo longo, que pareceu toda uma vida.

Então ela se precipitou em direção ao dragão. Subiu num salto, olhou para ele e disse:

-Adeus!

O dragão bateu as asas e se levantou.

-Adeus... – balbuciou o rei, com o coração apertado.

Alionor não sabia, mas, naquele momento, estava se despedindo da futura mãe dos seus filhos.

#####

www.mitraxsaga.com